a insustentável leveza do ser, enfim

Dominique Touchon Fingermann

a insustentável leveza do ser

A leveza do ser é insustentável, isto é um fato. Pode-se dar o nome de falta-a-ser, ou de dor de ex-sistir, e isto talvez seja o que nossos contemporâneos chamam de depressão: a doença do ser que parece ter contagiado o humano, esmagado pelo peso do Outro pós-moderno.

A leveza do ser é tal que, fundamentalmente, a alienação ao Outro parece ser o único recurso de ancoragem do humano no mundo. Milan Kundera descreveu muito bem as diversas formas do outro que podem lastrear esta leveza até a opressão. A neurose é a solução humana que dá peso ao Outro, poupando-se do risco, do trabalho, da responsabilidade aos quais convocam a inconsistência do Outro e a leveza do ser que lhe é conseqüente.

A psicanálise é a experiência em que se enunciam as idas e vindas do sujeito, as suas vias e seus desvios, a fim de remediar sua depressão existencial. Esta experiência não acontece sem o ato que denuncia e anuncia um-dizer em que se aloja o ser — igual a nenhum outro. A experiência atravessada pelo ato certamente faz vacilar o sujeito e o deixa todo aturdido, mas, uma vez passada a vertigem, é possível que "um gozo mais leve",[1] como no humor, permita uma passagem à surpresa, ao riso.

É necessário que isso se passe, para poder, por sua vez, sustentar a experiência sem temor nem tremor e pôr em ato o dizer que alivie os ditos do peso do Outro, renovando assim, com um outro, esta passagem em que se descobre que a inconsistência do Outro não é nem obscena nem feroz.

o peso da neurose

"Não há resposta ao ser no Outro":[2] isto é insustentável! No entanto, o *faleser* — "aquele que se torna ser da fala" —[3] acredita no Outro e a ele se aliena a ponto de aí enlaçar sua neurose, que é a sua maneira singular de conferir peso ao Outro. Aqui se enlaça um malogro, que transforma a resposta do Outro e sua ausência em maldição, instalando assim o ser no mal-entendido. Com efeito, o sujeito se equivoca ao tomar os ditos do Outro ao pé da letra ou ao interpretar seu silêncio

[1] Colette Soler. *Le bien dire de l'analyse.* Cours 94-95.

[2] Colette Soler. *Le bien dire de l'analyse.* Cours 94-95.

[3] Jacques Lacan. *...Ou Pire* – Scilicet 5, p.7.

para aí ler e atar seu destino fantasmático. O inconsciente, que vai da surpresa ao equívoco, é testemunha tanto do peso do Outro quanto de seu irremediável silêncio: "O inconsciente", diz Lacan, "é isso, é que aprendemos a falar, e que deste fato nos deixamos sugerir toda sorte de coisas".[4] A neurose se prende ao significante (identificação), e no intervalo significante muito precocemente o sujeito se faz ser, faz-se mestre do ser (em francês, *m'être — maître*) (fantasma). Há momentos cruciais na vida de cada um em que o sujeito se encarrega do Outro, e de sua falta também, para fazer lastro ao ser perdidamente evanescente.

[4] Jacques Lacan. *Le moment de conclure* – Séminaire 77-78, p.34.

Assim, Anne Desbaresdes, personagem de *Moderato cantabile*, abisma-se no grito que interrompe a sonata da aula de piano. Grito e tumulto de um crime passional lá em baixo, na rua, onde encontra como precipitar seu ser fútil e volátil, uma vez que os significantes e as imagens dos outros não podiam mais nem conter nem reter. De uma outra maneira, Hans Castorp, personagem de *A montanha mágica*, na beira de sua vida de homem, refugia-se na programação regrada e cronometrada dos desígnios do Outro, que, apesar de funestos, fazem-lhe promessa de destino, e ele pode assim se abrigar do desejo ("este outro nome do ser sem essência").

É assim que a neurose opera, e podemos ouvir as suas armadilhas, armações, na experiência analítica. Por exemplo: uma paciente lamentava-se por não ter nenhuma lembrança da sua infância e sustentava-se em uma única imagem verdadeiramente encobridora — "Não sei porque quando muito pequena precisava sempre colocar predrinhas, objetos e pequenos brinquedos na minha calcinha". A outra, solteira, virgem e solitária, descobria sufocada: "Tenho tanto medo do vazio que ou fico parada ou então ponho no lugar um monte de porcaria", alusão à sua vida sexual virtual, *on line*. "E se" — concluía uma outra, surpresa por uma angústia vertiginosa — "e se por trás deste monstro que me invadia eu fosse apenas terrivelmente superficial e oca?". Com certeza podemos ouvir nos ditos de uma análise, mas, para que a análise opere sobre a gravidade do ser enlaçado ao Outro, é necessário o ato que corte os ditos para aí fazer surpresa do dizer, e não para produzir a deriva da leveza da pena, mas sim a leveza do pássaro, como bem lembra Italo Calvino.

o contra-peso do ato analítico

A experiência de uma análise começa pelo ato de um analista, à medida que este se faz endereço e suporte da via

do analisante. A via do analisante só é possível pela via deste suporte que permite o transporte — ou seja, a transferência — do peso da neurose, facilitando, trilhando o deslocamento da consistência do sintoma aderido ao fantasma.

Sabemos que a transferência muitas vezes pode ter efeitos imediatos e provisórios de levitação.

A causa da via analisante é o desejo do analista — outro nome possível para esta leveza, a única que proporciona o horror do ato. *O analista tem efeito, opera analiticamente, à medida que ele toma o lugar do intervalo da estrutura significante*: é assim que introduz a leveza nos ditos. Todas as intervenções qualificadas "do analista", qualificam o analista em ato, à medida que todas elas suportam e sustentam a transferência da estrutura do sujeito no dispositivo. Em outras palavras, se o desejo que as sustenta fizer surgir a estrutura (o intervalo, a barra, A barrado), as intervenções do analista fazem "dizer", fazem corte nos ditos da neurose, fazem ex-sistir o dizer do ser sutil. (Segundo Lacan: "O ato é um dizer", ou, ainda, "O ato tem lugar de um dizer".)

Na análise, o ato, a todo instante, é o que *realiza* o impasse dos ditos, quando sustenta, retém a leveza do ser. "O desejo do psicanalista demonstra as aporias da via analisante", indica Lacan com precisão.

No final das contas, o ato será aquilo que fará o analisante enfim *realizar* a castração, ao invés de se siderar com sua eminência, e passar ao analista, o que conduz a "*passar* da falta à perda".

A todo instante, do começo ao fim, o ato está presente. É a presença do analista que, ocupando o lugar do intervalo, da falha do Outro, *faz* dela "semblante".

A todo instante, "do analista" faz ato, *faz* semblante do Outro barrado. Quando acolhe a dor e responde: "O que pode ser dito?". Quando a dor se transforma em queixa, ele sustenta: "Volte amanhã!". Quando a queixa se faz questão e ele mantém o silêncio. Quando a questão produz construção e ele suporta o equívoco. Quando a construção se atravessa e ele retruca: "Bem, e então?".

Desde o início, portanto, a lógica do fim do ato está operante: fazer contra-peso com S de A barrado a fim de fazer bascular o peso que a neurose dá ao Outro. Desde o início, ou seja, desde a associação livre. Mas também desde os primórdios da psicanálise. A associação livre, com efeito, tanto quanto a atenção flutuante (isto é, o procedimento freudiano) não são truques técnicos, mas princípios éticos "de um dispositivo que toca o real", pois propõe de entrada uma fuga, um escoamento

de sentido, que não é de retirada nem de infinitização, mas de aposta e de experiência efetiva de ausência do sujeito, de *ab-sens*. Lacan insiste na função subversiva da regra fundamental no *Seminário do Ato Psicanalítico*: a prescrição supõe um exercício possível de abdicação do sujeito e de realização de seu *ab-sens*.[5]

A experiência da análise termina quando chega a seus fins: aliviar o ser da crença no Outro — *destituição subjetiva* —, subverter profundamente a relação do sujeito com o saber e com suas modalidades de gozo, com o Outro e com o ser. A experiência, quando chega a seu fim, produz um sujeito destituído, que suporta por sua vez o *ab-sens*, a leveza do ser e não necessita mais recorrer a um Outro significante para se dedicar à sua falta a ser.

Por fim, a experiência produz "do analista", única função que pode cortar a espessura das palavras ditas, e a maldição suposta do Outro, sem ser canalha nem covarde.

Isto portanto conjuga o fim de analise, o passe e o desejo do analista. A maioria dos textos ou seminários de Lacan, por volta de 67, parecem chegar a esta conclusão, que levanta a seguinte questão: como um analisante, ainda sustentado na sua tarefa pela suposição do Outro, poderia logicamente suportar também o que "do analista" ex-siste para presentificar a falha do Outro? Aquele que acredita no Outro pode ser suficientemente leve para cortar, talhar, esvaziar, saltar, bascular, rodopiar ou simplesmente se fazer silêncio? Parece-me difícil afirmar o contrário.

No entanto, vou tentar fazê-lo, apesar das minhas convicções a este respeito e apesar da minha experiência pessoal, em que o sentimento de impostura só se acalmou quando deixei de lado a questão de estar ou não à altura de um Outro, analista garantido.

a báscula da transferência

Num de seus textos, escrito curiosamente na época da *Proposição* e do *Seminário do Ato*, "De la psychanalyse dans ses rapports à la réalité", Lacan, ao contrário de suas demonstrações na época, parece sustentar que há no procedimento freudiano uma lógica tal que o analítico não dependeria tanto da pessoa do analista. Isto corroboraria os fatos, já que há mais de cem anos que a psicanálise perdura, às vezes apesar dos analistas e de suas análises, terminadas ou não. O que poderia ser identificado como sendo «do analista» no procedimento e que amenizaria a descontinuidade radical entre tarefa do analisante e ato do analista? É fato que desde sempre muitos começam a

[5] Jacques Lacan *Séminaire: L'acte analytique*. p.120-150: "ce qui est vraiment le sens de la règle fondamentale, c'est justement, jusqu'à un point aussi avancé qu'on peut, c'est ça la consigne, que le sujet s'en absente." "..le sujet y est prié d'abdiquer, c'est là la visée de la règle, et qu'à la limite se vouant à la dérive du langage, il irait à tenter par une sorte d'expèrience immédiate de son pur effet, à en rejoindre les effets déjà établis" "...un tel sujet dont l'exercice est ...de se mettre à l'épreuve de sa propre démission".

se permitir ("se cometer") ocupar a função de analista bem antes de se autorizarem da conclusão em suas análises pessoais, da falha do Outro e suas conseqüências. Como compreender que isto seja possível sem invocar imediatamente a impostura?

Será que podemos pensar que os *momentos de passe* produzidos pela báscula da transferência possibilitam a função do desejo "de analista"?

A associação livre que produz os ditos, e pela sua própria infinitude, denuncia o *ab-sens* do sujeito, o impasse dos ditos: "A via do psicanalisante é bem sucedida por aquilo mesmo que ela tem de malogro".[6] O analista tem como ato produzir, induzir, empurrar até o dizer, mesmo que seja o malogro dos ditos. Isto indica uma certa comunidade entre o ato e o ato falho, pois tanto um quanto o outro subvertem os ditos e denunciam o dizer. A resistência do analista acontece quando ele tenta suturar e objetar o malogro de estrutura do procedimento. O ato se localiza portanto no momento de báscula da transferência quando a cada volta dos ditos surge o dizer radical da demanda: "Não há (...) resposta ao ser no Outro". É assim que a transferência como pivô — eixo em torno do qual alguma coisa se move e bascula — prepara, põe em cena, produz, atualiza a subversão possível do sujeito. Embora fundada na suposição do sujeito, a cada batimento da transferência, a cada volta da demanda, há tropeção, báscula, momento de destituição subjetiva: momento crucial, momento de passe, pois cada escansão produz também o limite da resposta do Outro ao qual re-age o fechamento do inconsciente ("Foi muito pouco o que se produziu hoje!").

[6] Jacques Lacan. *Discours à l'EFP*. Scilicet 2/3.

É possivel ler esta inclusão da báscula no matema da transferência em que, como sublinha Bruno,[7] o Sq, o significante qualquer, não se sustenta de nada, é o artifício analítico que daí supõe o sujeito. É no entanto o desejo do analista que ativa o pivô deste processo, o ponto de equilíbrio, e faz *passar*, na experiência, do matema da transferência ao Discurso do Analista. Do Sq, significante qualquer, suspenso no vazio ao "a" como agente, relegando/elevando o saber à posiçãode verdade: pivô, subversão, vira-volta do sujeito.

[7] Pierre Bruno. *Papiers Psychanalytiques- Expérience et structure.*

Assim, apesar da discontinuidade estrutural entre transferência e passe, entre tarefa analisante e ato, o ponto de passagem do um ao outro me parece mais preciso. É o ponto "do analista" em que o "a" *faz* semblante onde só havia *ab-sens* de resposta do Outro ao ser. É o ponto em que o pivô da transferência se faz alavanca para o ser e o alivia do peso do Outro, produzindo na experiência momentos cruciais,

momentos de passagem de um Outro ao outro, que pontuam a lógica da cura. Até tocar um ponto em que não há mais volta, em que o recurso ao Outro não é mais accesível, pois o que se descobre deste ser igual a nenhum outro é que justamente ele se deduz como aquele que, desde o início de sua existência como sujeito, recusa o saber que vem do Outro. Mas este ponto não poderia ser alcançado, tocado, se ao longo desta experiência a báscula da transferência não tivesse produzido estes momentos de impasse, fazendo da análise uma sequência de momentos de passe: "a cada franqueamento de um discurso a outro", diz Lacan, "há emergência do discurso do analista".[8] Aquele que suporta esta seqüência, suporta "do analista". "Do analista" não é, portanto, a pessoa do analista, mas esta *função* do ato, do desejo,da leveza, do corte, que ex-siste aos ditos e que *passa* ao longo de toda a experiência, do psicanalisante ao psicanalista.

[8] Jacques Lacan. *Séminaire Encore*, p.21.

Será que estes momentos de passe *suportados* seriam suficientes para *sustentar* "do analista"? Talvez fosse necessário precisar em que medidas. Podemos medir os momentos de passe de uma análise? Seria talvez possível medi-los com os tempos lógicos: os momentos cruciais do instante de ver, os do tempo de compreender e aqueles do momento de concluir. Lacan distingue nitidamente um tempo do qual ele faz o pivô de sua proposição "ser no passe", e até mesmo "ser o passe", que define o passador. Ser passador é claramente um momento aquém do fim da análise em que alguém se encontra a ponto de tirar as conseqüências de seus sucessivos momentos de passe (impasse dos ditos), e chegar à conclusão, quando talvez a leveza ainda se chama depressão. É talvez o tempo em que, como diz Lacan, alguns podem se permitir "tropeçar", fazer "do analista", segundo a lógica dos momentos de passe que faz com que ao final sustentem o ato sem se deixar vacilar pela vertigem desta leveza do ser.

Isto porém não pode dispensar o fim, quando tendo trilhado os sulcos da letra, o sujeito não procura mais, mas acha como fazer "ficção outra do real", o que eleva o desejo do analista à altura de um estilo que soa como fútil, sutil, volátil. Esta extrema leveza implica que, se o passe foi achado, terá sempre de ser re-passado.